

S E R M A M

QUE FEZ

Em a Canonizaçãõ do insigne Portuguez

SAM JOAM DE DEOS,

Patriarcha da Religiaõ da Hospitalidade, & prègou
em 23. de Junho de 1691. dia septimo do solem-
ne Oitavario, que a mesma Religiaõ cele-
brou em o Hospital, & Convento desta
Corte, & Cidade de Lisboa,

O PADRE MESTRE

Fr. IOAM DA MAGDALENA,

Leitor jubilado em a Sagrada Theologia, Qualificador do Santo
Officio, Custodio actual, & filho da Provincia da Terceira
Ordem da Penitencia do Patriarcha dos pobres o
Seraphico Padre S. FRANCISCO.



FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA
INSTITUTO DE
LINGUA E LITERATURA PORTUGUESAS
D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos

N.º 12.690

of. 15.09.1993

LISBOA,

Na Officina de MIGUEL DESLANDES,
Impressor de Sua Magestade. Anno de 1692.

Com todas as licenças necessarias.

FERREIRA

QUINTA

Uma Canonica de doctores Portuguezes

SAMUEL DE ROS

Primeiro da Real Academia de Lisboa; e antigo

depois de Junho de 1754. da Real Academia de Lisboa.

no Quarteiro, que a Real Academia de Lisboa

depois em o Real Colégio de Lisboa

Com. e Cidade de Lisboa

OPADRE MESTRE

DE LOAM DA MAGDALENA

Uma Real Academia de Lisboa; e antigo

depois de Junho de 1754. da Real Academia de Lisboa.

no Quarteiro, que a Real Academia de Lisboa

depois em o Real Colégio de Lisboa



Handwritten text in the lower left corner, including the number '12.640' and some illegible words.

Handwritten text in the lower middle section, possibly a date or reference number.

Handwritten text in the lower right section, possibly a signature or name.

Handwritten text at the bottom of the page, possibly a date or reference number.



AO EXCELLENTISSIMO SENHOR
MANOEL TELLES DA SILVA,

MARQUEZ DE ALEGRETE,
Gentil-Homem da Camera de Sua Magestade,
do feo Conselho de Estado, Vedor
de sua Fazenda, &c.

EXCELLENTISSIMO SENHOR:



*Eliberei significar a Vossa Excellencia minha affe-
tuoza, & obrigada vontade (que he a maior lison-
ja, que pòde offerecer a hum Principe hum pobre)
neste Sermaõ, que prègui na solemnidade da Ca-
nonizaçãõ de nosso insigne Portuguez São Ioaõ de
Deos, Patriarcha da Religiaõ da Hospitalidade,
em gratificaçãõ de Vossa Excellencia dissimular a
mortificaçãõ de me ouvir, & dar ao Sermaõ sua qualificada aceitaçãõ. E
considerando a Heroica grandezza de Vossa Excellencia, & a brevidade
defeituosa deste abreviado obsequio, confesso que a deliberaçãõ rompe por
temores a offerecer a Vossa Excellencia a vontade tambem covarde, &
temerosa. Reconheço a Vossa Excellencia em tudo Maximo, no illustre
do sangue, na sublime agudeza de entendimento, nas prendas da virtude,
nos dotes da natureza; venero a Vossa Excellencia Mestre dos Orado-
res (diga o a dextreza, com que Vossa Excellencia em tanta turba de
negocios, & precisas assistencias occupado admirou as maiores eloquen-
cias em o livro, que escreves da vida, & proezas de El. Rey D. Joaõ o
segundo deste Reyno, que esta eloquentissima obra assim como foi dizer ao
mundo todo que foraõ verdadeiramente reaes as proezas deste memora-
vel Rey, assim testifica verdadeiramente real ao Orador); sem lisonja*

Ouvid.
de Ponto
1.1. Eleg.
2.
Eodem
lib. Eleg.
6.

acho em lisa verdade que da grandezza de Vossa Excellencia, melhor que da de Maximo, posso dizer com Ouvidio:

Maxime, qui tanti mensuram nominis imples,
Et geminas animi nobilitate genus.

Neste abreviado obsequio, que a Vossa Excellencia offereço, reconheço tantos defeitos, que com o mesmo Poeta eu mesmo, que o escrevi, posso dizer que me envergonho de ter escrito:

Cum relego, scripsisse pudet, quia plurima cerno,
Me quoque qui feci iudice, digna lini.

Esta improporção do obsequio à grandezza de Vossa Excellencia nasce, que, suppondo o desejo de significar a Vossa Excellencia a vontade agradecida, tomara, occultando o nome, esconder o entendimento, & este mesmo desejo teve, escrevendo a Maximo, o mesmo Poeta:

Idem lib.
1. Eleg. 2.

Heu mihi, quid faciam? Vereor, ne nomine lecto,
Durus, & averfa cætera mente legas.

Scotus in
3. dist. 18.
quæst. 1.

Porém, como a aceitação na melhor sentença do Príncipe dos Theologos, meo Mestre o Doutor Subtil, dá valor às obras, & he complemento dos obsequios, a que Vossa Excellencia foi servido dar a este Sermaõ, assim como deo ao Sermaõ o valor, me dá a mim a confiança para o offerecer a Vossa Excellencia, de cuja protecção amparado, vai mais seguro de censuras, do que se ficara guardado em caxas incorruptiveis de Cedro, porque sendo significação de vontade, he tambem obra de entendimento (ainda que meo); & como Vossa Excellencia o tem em tudo taõ grande, & foi servido darlhe a primeira approvaçãõ, não me persuado que ha'a quem se atreva a emendalo, porque será offender mais a quem lhe deo com a aceitação o valor, do que a quem lhe deo com o estudo o ser. Para gloria da Monarchia Lusitana nos viva Vossa Excellencia prosperos seculos, & felices. Convento de nossa Senhora de Iesus de Lisboa 29. de Novembro de 1691.

De Vossa Excellencia

Menor Capellaõ

Fr. Joaõ da Magdalena



L I C E N Ç A S .

Do Santo Officio.

*Censura do M. R. P. Mestre Domingos Leitaõ da Companhia de Jesus,
Qualificador do Santo Officio, & Examinador das tres
Ordens Militares, &c.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

P Or mandado de Vossa Eminencia li este Sermaõ, que prè-
gou o R. P. Fr. Joaõ da Magdalena da Terceira Ordem
do Serafico P. S. Francisco, Qualificador do Santo Officio, Me-
stre jubilado na sagrada Theologia, no septimo dia do Oita-
vario celebrado na Canonizaçaõ do Esclarecido Patriarcha S.
Joaõ de Deos; & sendo septimo na ordem dos dias, no subtil
dos conceitos, no polido da eloquencia, no primor do estilo,
tem a prerogativa de primeiro. No septimo dia da creacaõ do
mundo descançou Deos, vendo de todo perfeita, & consumma-
da a fabrica deste universo: neste septimo Sermaõ do septimo
dia das honras de Saõ Joaõ de Deos, pòde o entendimento do
mais perspicaz leitor descançar; porque nelle tem a Saõ Joaõ
de Deos retratado tanto ao natural, & com tanta valentia da
rethorica concionatoria, que naõ só se naõ vem nas luzes com
que o subtil engenho do Autor o illustrou minima sombra cõ-
traria à luz da verdade Catholica, & santos costumes, mas sim,
muito do ardente, & serafico espirito da Religiaõ Terceira, com
que incita aos que o lerem á imitaçaõ das virtudes do illustre
prototypo, que propoem. Pelo q̄ me parece digno de conseguir
de Vossa Eminencia a luz da estampa para gloria de Deos em
seu esclarecido Santo, & premio devido a seu Autor. Lisboa na
Casa de S. Roque da Companhia de Jesus 15. de Julho de 1692.

Domingos Leitaõ.

Vistas as informaçoes pode se imprimir o Sermaõ, que na Canonizaçao de S. Joaõ de Deos prègou o P. Mestre Fr. Joaõ da Magdalena, & depois de impresso tornarà para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella naõ correrà. Lisboa 15. de Julho de 1692.

Pimenta. Basto. Castro. Foyos. Azevedo.

Do Ordinario.

Podese imprimir este Sermaõ, & depois tornarà para se conferir, & se dar licença para correr, & sem ella naõ correrà. Lisboa 19. de Julho de 1692.

Serraõ.

Do Paço.

Podese imprimir vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornarà á Mesa para se conferir, & taixar, & sem isso naõ correrà. Lisboa 21. de Julho de 1692.

Mello P. Azevedo. Ribeiro.

Domingos Estrella



Beati servi illi, quos, cum venerit Dominus, invenerit vigilantes. Lucæ 12.



Anifesto precipicio pertende hoje minha obediencia rendida de affectuosa (Senhor, que em declarar aos servos Santos vos manifestais Santissimo). Manifesto precipicio pertende hoje minha obediencia rendida de affectuosa, quando emprendo discursar sobre as glorias, & triumphos do insigne Patriarcha São Joaõ de Deos, que já advirto inacessiveis. Venerando, & juntamente admirando as doutas, & religiosas luzes, que tem resplandecido neste pulpito, me entrego ao precipicio, que conheço manifesto em querer seguir os voos das Aguias, & os resplandores das luzes, que em veneraçoes admiro, & em admiraçoes venero. E que novos resplandores poderei eu descobrir em as luzes, que arderaõ em as mãos de S. Joaõ de Deos, quando neste pulpito precederaõ tantos, & taõ luzidos soes, & maiormente, quando hum só em notorio excessõ bastava para me deixar ás escuras? Com verdade lisa confesso, que me cega tanta luz; porèm, como naõ he deidouro perigar, quando he preciso obedecer, por credito de obediente affectuoso aceita minha covardia o perigo, & meos temores offerecem às inacessiveis glorias de S. Joaõ de Deos por lisonja o precipicio. E como supponho certo o naufragio em o mar sem praya de suas agigantadas virtudes, naõ tem de naufragar em algum baixo, hade buscar o discurso neste espaçolo oceano o profundo do assumpto.

I A solemnizar pois a Canonizaçaõ de hum Santo Beatificado no nome (que Joaõ he nome santo, porque he nome, que diz sogeito de graça) & quasi canonizado no sobre-nome, (que se no serviço foi todo Joaõ de Deos, no premio todo Deos foi de Joaõ) se atropella neste solemne oitavario este nobre, este religioso, & este illustre concurso; em cuja sagrada emulaçaõ contendem por se vencer a si meismos a devoçaõ, o amor, & o affecto,

affecto, que como se multiplicaõ em os animos dos fieis as razões de aplaudir, cada huma aspira á gloria de primeira no festejar. Como a Patriarcha pertendem as Religioens vencer, ou ao menos igualar nos aplausos ao affecto de seos illustres filhos. Como a Portuguez pertende vencer a seos mesmos filhos o amor da patria, que naturalmente arde em os animos dos Portuguezes. Como a prodigioso finalmente de muito favorecidas pertendem as naçoens estrangeiras vencer em os filhos o amor, & nos Portuguezes o affecto.

2. Para acertar neste triumpho formal & directamente o assumpto, he de suppor, que Canonizaçaõ, segundo Theologos, & Canonistas, he *declaraçaõ solemne, & Canonica de algum fiel morto em graça, & milagrosos sinaes de virtudes, em a qual o Summo Pontifice o declara por Santo, & que com os mais està gozando da eterna Bemaventurança no Ceo, &c.* He *declaraçaõ*, & não *santificaçaõ*, porque o Papa não santifica aos que declara Santos, que a santidade deve supporse à declaraçaõ de Santo, como geralmente todas as fórmas declaradas em juizo publico, segundo os senhores Juristas, se devem suppor ás suas declaraçoens, & a não se suporem foraõ as declaraçoens falsas. He *solemne*, porque a solemnidade faça notoria em toda a Igreja a santidade. He *Canonica*, porque se deve fazer segundo os Sagrados Canones, que dispoem, que preceda processo da pureza da fé, da innocencia da vida, & da pratica das virtudes para se declarar a santidade por certa. *Deve fazerse depois da morte*, para que conste a perseverança final, sem a qual não ha certeza da santidade, que pella Canonizaçaõ se declara. Desta Canonizaçaõ dos Santos Confessores me persuado que temos expressa no Evangelho a fórma, & o modelo.

3. Aos servos, que achar vigilantes, declara Christo Bemaventurados, & canoniza por Santos: *Beati servi illi* Eis a declaraçaõ, ou canonizaçaõ da santidade. *Quos, cum venerit Dominus, invenerit vigilantes.* Eis depois da morte o processo das virtudes. E que virtudes principaes hade haver no processo, para que com justiça se possa pronunciar ultima, & diffinitiva sentença de Canonizaçaõ dos Santos? Como são correlativos o serviço, & o premio, em a Bemaventurança, que he o premio, se insinuaõ as principaes virtudes, que devem constar do processo do serviço.

4. Segundo Theologia de que nenhum Catholico duvida, tres

tres operaçoens involvem a Bemaventurança da patria; visaõ, *Sporer*
 comprehensãõ, & fruiçaõ; ver, coneguir, & gozar; as quaes o- *Tract. 2.*
 peraçoens correspondem ás tres Virtudes Theologaes, Fè, Es- *in prim.*
 perança, & Caridade; a visaõ à Fè, a comprehensãõ à Espe- *præceptiã*
 rança, & a fruiçaõ à Caridade. Porque não fundemos sem pa- *Decalogi*
 trono o Sermaõ, delhe fundamento a authoridade de Garcia *pag. 5.*
 Arcebispo de Çaragoça. *Tria includuntur in actu beatitudinis, sci-* *Martin.*
licet, visio, comprehensio, & fructio, quæ tria correspondent tribus Vir- *Garcia*
tutibus Theologalibus. Não entendo por comprehensãõ, a de que *Ser. 120:*
 fallaõ os Theologos nas Escolas, senãõ, a de que fallou S. Pau- *de omni-*
 lo, quando disse aos de Epheso: *Vt possitis comprehendere cum om-* *bus San-*
nibus sanctis; porque como explicou S. Bernardo, sendo Deos in- *ctis.*
 comprehensivel de disputas, & subtilezas Escolasticas, compre- *Ad Ephes.*
 hende-o a santidade: *Non ea* [falla dos attributos de Deos] *dispu-* *3. n. 17.*
tatio comprehendit, sed sanctitas. Nem taõ pouco intento aqui exa- *Bernard.*
 minar em qual destas tres operaçoens formalmente a Bemaven- *lib. de cõ-*
 turança consista, por ser vulgar ao Theologo Thomista que *sid. Epist.*
 consiste formalmente na visaõ, ao Scotista que consiste na frui- *ad Eug.*
 çãõ, & ao Medio que nestas operaçoens ambas. Bastame suppor, *D. Thom.*
 como indubitavel, & certo, que a Bemaventurança envolve *1. p. quæst*
 estas tres operaçoens, visaõ, comprehensãõ, fruiçaõ; ver, con- *82. art. 3.*
 seguir, & gozar; & que a visaõ corresponde à Fè, a comprehen- *Scotus in*
 sãõ à Esperança, & a fruiçaõ à Caridade. *4. dist. 49.*

5 Corresponde o ver ao crer, porque ver a Deos às claras *quæst. la-*
 he premio de crer em Deos entre obscuridades de fé: *Videmus terali ad*
nunc per speculum, in ænigmate, tunc facie ad faciem. Corresponde o *4. quæst.*
 comprehender, ou coneguir ao esperar, porque o fim da espe- *Molin. in*
 rança he a gloria esperada: *Expectantes beatam spem, & adventum* *1. p. quæst.*
gloria magni Dei. Corresponde finalmente o gozar à caridade, *12. & 26.*
 ou he o mesmo com ella, porque a mesma caridade, que no mû- *Valentia*
 do ardeo amando, na patria se continua gozando: *Charitas nun-* *1. 2. disp. 1.*
quam excidit. Do premio pois, & Bemaventurança dos Santos *q. 3. Suar.*
 se deduzem as virtudes, que devem preceder á Canonizaçaõ *disp. 7. 1.*
 canonica, & tolemne, a Fé, a Esperança, & a Caridade, & todas *2. quæsti-*
 se deixaõ ás luzes do Evangelho. *unc. 1.*

6 *Sint lumbi vestri pracincti.* Eis no Evangelho a Fè, que com *Ad Co-*
 ella quer Christo cingides aos que houverem de ser canoniza- *1. inth. 1.*
 dos por Santos. Já no Testamento Velho o prophetizara *cap. 13.*
Erit justitia cingulum lumborum ejus, & fides cinctorium renum ejus. *Ad Titũ*
Expectantibus Dominum suum. Eis no Evangelho a Esperança. *2.*

vinth. cap. Lucernæ ardentes in manibus. Eis no Evangelho finalmente a abraçada caridade. E falta mais ao processo da Canonizaçãõ para se pronunciar sentença declaratoria, & infallivel da santidade? Sim falta. Falta a perseverança final, que està pede a fórma da Canonizaçãõ assignada de Theologos, & Canonistas, & prescripta no Evangelho, em quanto diz que aos Canonizados por Santos hade achar o Senhor a qualquer das tres vigalias da noite, que chegue, com tochas acezas nas mãos aguardando sua vinda. Estas vigalias quer Lundulpho de Saxonia que comprehendão a vida toda do homem. A primeira a puericia. A segunda a adolescencia. E a terceira a velhice: *Prima vigilia primaevum tempus est vita nostra, idest, pueritia. Secunda adolescentia, vel juvenus. Tertia senectus accipitur.* E como pela noite se entende a morte, atè ella quer o Senhor que os Canonizados por Santos perseverem vigilantes (isto he) cingidos de Fé, firmes na Esperança, & abrazados em Caridade para os declarar ultima, & diffinitivamente por Santos: *Beati servi illi, quos, cum venerit Dominus, invenerit vigilantes.*

7 Além de que larga sua infallivel palavra de que aos affirmados farà sentar á sua Mesa no Ceo, & cingido os servirá como lervo: *Præcinget se, & faciet illos discumbere, & transiens ministrabit illis,* em abono da promessa de sua gloria se deixou sacramentado em penhor: *Futurae gloriae nobis pignus datur,* para que quem aspirar a ser canonizado por Santo saiba que a Bemaventurança, que no Ceo he confirmada, principia no Sacramento: *ille idem panis,* diz Ruperto, *in illa est nobis patria repositus, quem nunc in via gustamus;* só com esta differença, que a Fè oblcoura, será visãõ clara, a Esperança temerosa posse segura, & a Caridade amor eterno de Deos.

8 Em o Evangelho temos pois a fórma da Canonizaçãõ do insigne Patriarcha São João de Deos, porque no Evangelho temos a declaraçãõ da santidade em a gloria consummada, que formalmente he a Canonizaçãõ mesma; no Evangelho temos a Bemaventurança, que envolve as tres operaçoens, visãõ, comprehensãõ, & fruiçãõ, correspondentes ás tres Virtudes Theologaes, Fé, Esperança, & Caridade. Temos pois descuberta no Evangelho a formalidade do assumpto com tanta propriedade, que o Frótespicio deste Templo em mudas vozes està dizendo a todos, que este assumpto he o que se deve prégan nesta Canonizaçãõ; porque em o alto està a Imagem de S. João de

de Deos triumphante, & cercando a porta tres imagens de tres donzelas, cujos rotulos estaõ dizendo, que huma se chama Fè, outra Esperança, a terceira Caridade. Formal he pois o assumpto com a solemnidade desta Canonizaçaõ, pois a porta deste Templo (que a todos está dizendo o que dentro se celebra) nos diz que a Fè, a Esperança, & a Caridade canonizaraõ a São Joaõ de Deos Santo.

9 Estas principalmente veremos no processo de sua prodigiola vida, & sobre ellas fundaremos tres discursos. Em o primeiro mostraremos que pela perseverança final na Fé mereceo S. Joaõ de Deos estar vendo claramente a Deos. Em o segundo que pela perseverança final na Esperança em Deos mereceo de o possuir. E finalmente no terceiro que pela final perseverança na Caridade mereceo de eternamente o gozar; com que a visãõ foi premio da Fé, a comprehensãõ da Esperança, & a fruiçaõ da Caridade, que sãõ as tres operaçoens, que involve a Bemaventurança da patria: *Beati servi illi, &c. Tria includuntur in actu beatitudinis, scilicet, visio, comprehensio, & fruitio, quae tria correspondent tribus Virtutibus Theologalibus.* Temos disposta a materia, & como o nosso Santo canonizado he Joaõ, para dizer de suas glorias facilmente decerã sobre o assumpto o auxilio do Ceo como em fogeito da graça. *Ave Maria.*

10 Muito tempo ha constava que era São Joaõ de Deos, que era Santo, que era Bemaventurado. Já na vida gloriosa, já em seu glorioso transito soava a santidade nas vozes. Já depois d'elle se deixava ver nos milagres quasi canonizada a virtude: que os milagres, que para a Canonizaçaõ mais conduzem, sãõ os que suppoem a morte, porque estes fazem vehemente prova da santidade da vida. Já na Religiaõ illustre, a que deo no amor de Deos, & do proximo principio, approvada pelo Beatissimo Papa Pio V. o anno de 1572. se via em os filhos arder o abraçado espirito do Patriarcha da Caridade. Já na Bulla de sua Beatificaçaõ nos certificara de sua Bemaventurança o Santissimo Papa Urbano VIII. o anno de 1630. Infallivel finalmente era já ha muito tempo a certeza da santidade; porẽm limitavaõ-se a Igrejas determinadas as veneraçoens, & os cultos (que isso he Canonizaçaõ particular, ou Beatificaçaõ), & hoje, que o Santissimo Padre Alexandre VIII. da sempre felice, & gloriosa memoria por ultimo juizo, & sentença o declarou Santo, dilataõ-se a toda a Igreja de Deos, & esta he Canonizaçaõ universal,

lal, que absolutamente se diz Canonização) por que já toda a Igreja o venera, o aplaude, o festeja, & solemniza por Santo canonizado. De sua Canonização deve ser o processo sua prodigiosa vida; mas quem poderá a processos do discurso reduzir a huma hora de Sermão mysterios, prodigios, & portentos, que não bastão a descrever multiplicados Chronistas? Quanto me baste a authorizar o assumpto prometido, he que poderei repetir.

11 Naceo o gloriolo São João de Deos em o nosso Portugal, & logo em se repicaré em seu nascimento por virtude divina os finos deo o Ceo manifesto final, que nacia São João de Deos para o Ceo. Refere Herodoto que certos povos costumavão chorar aos homens, quando nacião; & Santo Ambrosio achou que não era imprudencia, porque nacer para condenar, mais pede lagrimas, que alegrias. Como pois o Ceo participa festas, & alegrias à terra, quando São João de Deos nace, final dà que nacia para Santo. De oito annos (qual Abrahão) deixou patria, & parentes, & com o augmento, & final perseverança nas virtudes foi consummar a santidade ao Reyno de Castella. Seria para mostrar que o nosso Portugal he tal seminario, & fecunda officina de Santos, que fecunda a muitos Reynos. A Monte-Môr o Novo (Villa populosa, igualmente nobre, rica, deliciosa, & fertil na Provincia de Alêm-Tejo) dourarão os primeiros rayos deste animado Sol, & da maioridade da patria se podia conjecturar, que nacera para ser alto monte de santidade; que os Santos comparaõ-le aos montes: *Fundamenta ejus in montibus Sanctis*, principalmente (explica a Glossa) os Patriarchas, os Prophetas, & os Apostolos: *In montibus Sanctis, scilicet, in Patriarchis, Prophetis, & Apostolis*. E lêdo S. João de Deos (como foi) Patriarcha da Religião, que fundou, Propheta no espirito de prophecia, em que floreceo, & todo apostolico na pobreza, que observou, prelagio pudera ser seu nascimento em tal patria, de que nacera para alto monte de santidade, por nacer em Monte-Môr.

12 No remontado da terra a avezinhar com o Ceo se funda a analogia entre os montes, & os Santos, porque assim como o maior monte he o mais remontado do centro da terra, assim os Santos maiores mais se avezinhaõ ao Ceo: *Conversatio nostra in Cælis est*. E vezinho do Ceo me parece era São João de Deos, quando ainda pizava a terra, porque ordinariamente conversa-

va com Christo, com a Virgem Santissima, & com os Anjos. Seria, porque como os montes quanto crecem, tanto sobem, & não crecem sem subir, assim São João de Deos, como monte maior de santidade, quanto nella crecia, tanto subia para o Ceo, & como ao Ceo o solemnizamos hoje subido, he consequente que creceo na santidade, & virtude até o Ceo.

13 Suspendo aqui a relação da prosapia de São João de Deos, porque me chama a maiores louvores a virtude, que a donde a virtude não resplandece, fica escurecida a nobreza. Confesso que a santidade sobre a nobreza brilha melhor do que ouro sobre azul, porém não illustra só a claridade do sangue, se lhe falta o resplendor das virtudes; & daqui deve nacer que muitos, nascendo humildes, são em estimações preferidos a outros de nascimentos sublimes. Sobre a altura das torres nasce o feno, & de tanta altura dece a ser pisado dos brutos. Em as entranhas da terra esconde seu nascimento o diamante, & de nascimento tão profundo sobe sobre as Coroas dos Reys, & Tiaras dos Pontifices. Não se julga a prestancia da fonte de ser alta a ferra adonde nace, se não do saudavel das aguas. Da prata nace o estanho, da melhor raiz hum tronco. De que serve ao Corvo nacer branco, se a breves dias he negro? Que importa ter o edificio o fundamento de ouro, se ameaça ruina? Finalmente se he engenhoso o artifice, de chumbo faz huma imagem toda admirações, toda pasmos; & se he grosseiro, de ouro faz huma estatua toda errores. Ocioso fora pois tecer chronicas da prosapia de São João de Deos, quando me dá assumpto tão espaço de virtudes. Fosse muito embora humilde seu nascimento, que a virtude foi sublime.

14 Deixada pois a arvore da ascendencia, volva o discurso às virtudes, que estas lhe derao nobreza real, porque o fizeram Santo. A tres Theologas está reduzido o assumpto, Fè, Esperança, & Caridade, porque a estas como coroas, correspondem a visão, a comprehensão, & fruição, operações, que involve a Bemaventurança da patria: *Beati servi illi, &c. Tria includantur in actu beatitudinis, scilicet, visio, comprehensio, & fruitio, qua tria correspondent tribus Virtutibus Theologalibus.*

§. I.

15 Primeiramente a Fè, com que se cingio até o fim da vida, o coroou da visão clara de Deos. He a Fè tal virtude, que como na natureza, segundo o Philosopho, o coração he o primei-

Aristotel.

ro, que se fórma, affim no edificio espirital a Fè he a primeira virtude', porque como pès, serve para sustentar: *Permanetis in fide fundati*, como olhos para dirigir: *Aspicientes in authorem fidei*, & como coração para viver: *Iustus ex fide vivit*; porèm hade animarse com obras, que sem ellas he como corpo sem alma: *Sine operibus mortua est*.

10. 16 As obras, que animarão a Fè de São Joaõ de Deos, não he possivel reduzilas a Sermaõ, porèm para fundamento do discurso repetiremos algumas. Seja a primeira huma famosa victoria, que teve em Ceuta de huma tentação do inimigo em materia de Fè. Era em Ceuta soldado, & como hum seu camarada apostatasse da Fé, & se passasse a Argel, dahi a poucos dias veio às mãos de São Joaõ de Deos huma carta por industria do Diabo supposta do camarada, em que o persuadia a que deixasse a Fè, & profissão dos Christãos, porque eraõ à medida do desejo as boas fortunas, que entre os Mouros o esperavão. Oh valor invencivel de nosso Santo! Não só venceo a tentação, mas deixou logo a Ceuta, & passou a Gibaltar: que para vencer tentações a mais industriosa valentia he largar as occasioens.

17 Antes de sua total conversão teve varios estados; de zagal subio a pastor em Oropeza, de pastor a soldado na occasião de Fuente Rabia, de soldado tornou ao estado de pastor, & de pastor a mercador de livrinhos. Em os estados de pastor, & de soldado, lhe appareceo por vezes a Mãe de Deos, & em o de mercador seo Filho Christo Jesu em fórma de Minino descalço, & pobremente vestido. Abrirão-se ao servo de Deos as entranhas de caridade, offereceo ao Minino os çapatos, & como lhe não servissem, largou os livrinhos (que eraõ toda a sua caruagem) & dando ao Minino os hombros, sobre elles o levou muita parte do caminho. Oh Joaõ já todo de Deos, pois carregais com Deos todo! Oh Athlante soberano! Segura tem já a salvação, quem já carrega a seos hombros com o Salvador do mundo. Cançou com a carga o Santo; que muito, se o pezo era infinito? E querendo beber em huma fonte, o Minino lhe mostrou huma Romãa (que em Castelhana se diz Granada) com huma Cruz em o meio, & lhe disse estas efficazes, & penetrantes palavras: *Joaõ de Deos, Granada será tua Cruz*. Ditas ellas, desapareceo o Minino, & o Santo puntual se partio logo a buscar a Cruz (como a teve, & bem penola) a Granada. Oh Deos, & quantos mysterios juntos confundem a qui o discurso! Já
confi.

considero canonizado ao nosso Santo, porque de palavras do Summo Pontifice Christo já he possessão de Deos. Vejamos se pôde sahirse o discurso deste tropel de mysterios.

18 Não sem algum lhe chama Christo Joaõ já de Deos, sobre-nome, que até este tempo não tinha. Vio o valor, com que resistira a huma tentação tão forte em materia de Fè. Vio que largára em seo obsequio os çapatos, & os livrinhos, & offerecèra os hombros. Vio finalmente a Fè constante animada com estas heroicas obras, & sendo até este tempo Joaõ, deolhe o sobre-nome de Deos, para que o sobre-nome divino testificasse a virtude, & indicasse a santidade; que como não ha virtude meritória sem especial assistencia de Deos, nem o nome de Deos se pôde achar sem virtude, se arguisse que ficára Joaõ templo de virtudes ao tempo que teve o sobre-nome de Deos.

19 Em o Templo de Salamaõ prometeo Deos a David que assistiria seo nome: *Erit nomen meum ibi*. E se promete a assistencia de seo nome, porque não assegura sua propria assistencia? Para exercicio de virtudes mandou fabricar o Templo, & como o Nome de Deos se não distingue de Deos, bastava prometer a assistencia do Nome, para se arguir a assistencia da virtude, porque suppondo que não ha virtude sem Deos, como o Nome de Deos se não distingue de Deos, nem se acha sem virtude, bem se pôde arguir ser Templo de virtudes, quem teve o sobre-nome de Deos. 2. Reg. cap. 8.

20 Oh Joaõ divino no nome, no sobre-nome divino! Divino no nome, por sogeito da divina graça (que isso significa Joaõ) divino no sobre nome, que claramente declara que já sois possessão de Deos. Templo de virtudes era já vossa Alma Santissima, & porque tanta virtude se não occultasse no Sacario desse Templo vivo, sendo já divino no nome de Joaõ, deceo Christo do Ceo a darvos o sobre-nome de Deos, para que vossas virtudes se não occultassem a quâtos sabem que o Nome de Deos se não acha sem virtude.

21 Já para canonizado não parecia faltar ao nosso Santo mais que morrer (que à Canonização deve preceder a morte) que as virtudes não lhe parecem já faltar, porque já Christo lhe poz o sobre-nome de Deos, que se não acha sem virtude. Vejamos como em obras manifestou a da Fè para ser canonizado solemnemente por Santo.

22 Assim que ouvio a Christo que em Granada o espera-
va

va sua Cruz, foi o mesmo ouvir que crer, & o mesmo crer que caminhar logo a Granada a buscar a sua Cruz. Não mostrara bem a Fè, se não obedecera, ainda que ouvira, & creira; nem manifestara também que era já João de Deos. Dirige a Fè como habito especulativo o entendimento a crer, & como habito pratico regula a vontade para obrar; & como para ser de Deos, & ser Santo não bastaõ especulaçoens, assim mostrou S. João de Deos a Fè viva em as obras; assim mostrou ser já de Deos, que em ouvindo a Christo, o seu ouvir foi crer, & o seu crer foi obrar, & não podia dar mais evidente final de que já era de Deos.

1. Reg. 3.

23 Por tres vezes chamou Deos ao menino Samuel, que no Templo profundamente dormia. Da primeira, & da segunda julgou que o chamava o Sacerdote Heli, & da terceira, entendendo de advertencia do mesmo Sacerdote, que a voz era de Deos, respondeo: *Loquere Domine, quia audit servus tuus.* Fallai Senhor, que o vosso servo ouve. Lè outra letra: *Loquere Domine, quia credit servus tuus.* Fallai Senhor, que o vosso servo cre. Lè outra letra: *Loquere Domine, quia obedit servus tuus.* Fallai Senhor, que o vosso servo obedece. Grande difficuldade fazem estas diversas versões: *Audit, credit, obedit.* Ouvir, crer, & obedecer são manifestamente diversos, porque hum homem pôde ouvir, & não crer, pôde ouvir, & crer, & mais não obedecer. Como se pôde pois o ouvir explicar pelo crer, & o crer pelo obedecer? Sabendo que a Fè principia pelo ouvir: *Fides ex auditu,* & vive pelo obrar, que he o obedecer, & que se não obedece, se não a quem se cre, ou em verdade, ou ao menos em apparencia. Intentava Samuel mostrar que era já de Deos logo do ponto, & instante que ouvira sua voz, como logo confessou que já era possessão de Deos: *Servus tuus;* & para mostrar que ao ponto, que a Deos ouvira, logo, & já era de Deos, achou que o mais evidente final, que podia dar, era manifestar que, sendo diversos o ouvir, o crer, & o obedecer, juntamente ouvira, creira, & a Deos obedecera; que o seu ouvir juntamente fora crer, & o seu crer juntamente obrar, ou obedecer: *Loquere Domine, quia audit, credit, obedit servus tuus.*

Ad Rom.
10.

24 De hum fiel de fé pura, & de fé viva, em quem o ouvir he crer, & obedecer, foi simbolo Samuel, que se interpreta: *Positus a Deo,* ou: *Audiens Deo.* Homem posto por Deos, ou homem, que ouve a Deos; & como o homem, que ás vozes de
Deos

Deos dà obediente os ouvidos, claramente manifesta ser já de Deos: *Oves meae vocem meam audient*, & de Deos Canonizado: *Beatus homo, qui audit me*; bem mostrou ser já de Deos o nosso Santo Canonizado, quando á sua divina voz deo taõ obediente os ouvidos, que o feo ouvir foi crer, & o feo crer obrar, ou obedecer: *Audit, credit, obedit servus tuus.*

Proverb. 8.

25 Chegao São Joaõ de Deos a Granada, a poucos dias de assistencia, ouvindo hum Sermão, ficou taõ abraçado em amor de Deos, que ferindo com huma pedra os peitos, não cessava de pedirhe misericordia. Agora entendo eu a Santo Agostinho, em quanto diz que a Bemaventurança nace da Fé: *Quidquid Beatitudinis Anima susceptiva est, ex Fidei fundamento procedit.* Pois da Fé obscura pòde nacer a Bemaventurança, que he visão clara? Bem sei que a Fé só não salva; mas tambem sei, que em quanto cre a Deos remunerador, & glorificador, que move á penitencia; & como leio a São Joaõ de Deos por motivo da Fé taõ penitente, a Fé, que a tantas penitencias o movia, me parece o canonizava já Santo.

August. sup. Joann.

26 A penas abriu a boca aquelle Ladrão felice, logo se lhe abriu o Ceo, em fórma, que se abriu para elle logo que se abriu para Christo: *Hodie mecum eris in Paradiso.* Juntamente com Christo entrou o Ladrão no Ceo: *Ipsa hora, qua Paradisus Deum suscepit,* diz Santo Ambrosio, *suscepit & Laronem.* Pois dentro em huma hora Ladrão, & Santo? Sim, & logo de Christo Canonizado. E que processo de virtudes precedeo a essa canonização? Que prodigios? Que milagres? Bem se podera allegar por milagre o ser Ladrão bom, tendo sido bom Ladrão; porèm a virtude principal, que avultou entre outras, foi a pureza da Fé. E não teve outros actos de virtude? Sim teve, que ao companheiro fraternalmente reprehendeo de blasphemo: *Neque tu times Deum,* & no supplicio se ai mou de paciencia: *Nos quidem digna factis recipimus;* porèm para que se veja que a pureza da Fé he bastante indicio de santidade, & que pòde ser Canonizado por Santo aquelle, que tem Fé viva, notele que ao acto da Fé prometeo Christo o Ceo. *Memento mei Domine,* disse o Ladrão; & Christo respondeo: *Hodie mecum eris in Paradiso.* Confessou a Christo Deos, & Senhor: *Memento mei Domine,* (eis o acto da Fé) vendo-o como malfeitor tratado. Diz pois Christo: A Fé allegas, quando me pedes o Ceo? Pois eu digo que já he teo. **Mais virtudes vejo em ti, porèm a Fé avulta mais entre todas,**

Luce 23. 43. S. Ambros. Serm. 2. de bono Laron.

Ibidem.

Crefme Deos, & Redentor, quando estou crucificado? Pois ves ahi logo o Reyno dos Santos, que de futuro me pedes; ves ahi o Paraíso do Ceo, que à vista de Fè tão viva, o que se deve seguir, he canonizarte Santo: *Hodie mecum eris in Paradiso.*

27 Oh excellencia da Fè! Oh poderosa virtude! pois em huma mesma hora fazes a hum Ladraõ Santo, melhor farás Santo a hum virtuoso: *Quamvis delinquentium magna sit culpa*, diz Santo Ambrosio, *Fidei tamen maior est gratia.* Mais poderosa que a culpa he a virtude da Fè; & se esta dentro em huma hora fez canonizar por Santo a hum Ladraõ, não he muito que fizesse parecer Santo já Canonizado, a quem antes de abraçar a Cruz consignada em Granada, de palavras do mesmo Christo já era Joaõ de Deos.

28 Não ignoro que muitos actos de virtudes deviaõ concorrer a justificar, & fazer a Saõ Joaõ de Deos Santo, que muitos pede a justificação do adulto, os quaes numera, & consigna o Concilio Tridentino, como dõr, temor, amor, &c. E daqui me fica ainda hum escrupulo na intelligencia da sentença de Santo Agostinho, quando diz que da Fè nace a Bemaventurança: *Quidquid Beatitudinis Anima susceptiva est, ex Fidei fundamento procedit.* E não nace de outras virtudes? Sim nace, que a Caridade, que he a santidade formal (*Videte qualem charitatem dedit nobis Pater, ut Filij Dei nominemur, & finis*) he tambem principio da formal Bemaventurança, & esta nace donde nace a santidade; porèm avulta tanto entre as mais virtudes a Fè, sendo muitas as que concorreraõ a justificar a Saõ Joaõ de Deos, a Fè me parece a principal em o canonizar Santo.

Muitos actos de virtude convocou Magdalena para sua conversão. Bem mostrou nas lagrimas a contrição: *Lacrymis cepit rigare*; o temor na covardia: *Stans retrò*; a esperança na perseverança: *Non cessavit*; o proposito de emenda no derramar do unguento: *Unguento ungebat*; & em rendidos obsequios o amor: *Dilexit multum.* Porèm advertido o fim desta heroica obra, a que concorreraõ tantas, & tão excellentes virtudes, leio em as palavras de Christo que a Fè a canonizára Santa: *Fides tua te salvam fecit.* Grande difficuldade deve fazer ao verdadeiro Theologo ouvir que a Fè só justifique por ser contra huma verdade de Fè. Como attribue pois Christo a obra desta santificação à Fè? *Di. rei.* Supposto toda a força do Exercito concorra para a victo-
ria, só ao Capitão se attribue o triumpho, porque sem Capitão o
Exer-

S. Ambros.
ubi supra.

Trident.
sess. 6. cap.
6.

1. Joann.
cap. 3.

Luce 7.

Trident.

sess. 6. cap.

8. can. 9.

Luce 13.

Joann. 12.

Ad Corint.

13.

Exercito não vencera; & assim quiz dar á entender Christo, que supposto a penitencia, as lagrimas, o temor, a dór, & o amor, como espirituaes soldados concorreraõ em Magdalena á conquista da santidade, a Fè, como Capitão, & fundamento das mais virtudes, a canonizara Santa: *Fides tua te salvam fecit.* Se não crera em Deos Magdalena, diz São Paulino, que podia esperar de Deos? *Magdalena non tanto ambitu servitutis, & impendij lacrymarum remissionem peccatorum sperasset, nisi Deum per Fidem Christum credidisset.*

S. Paulin.
Epistol. 4.

30 Como em campo de batalha militava na Alma de São João de Deos hum Exercito de virtudes para conquistar á força de penitencias o Ceo. E como ao Capitão se attribue a victoria, porque sem sua direcção o Exercito não vencera, sendo a Fè fundamento, sem o qual não podem subsistir as virtudes: *Sine Fide impossibile est placere Deo*, a Fè deve levar nesta solemne canonização de São João de Deos o triumpho, ainda que de mais virtudes [como a santidade] naça a Bemaventurança: *Quidquid Beatitudinis Anima susceptiva est, ex Fidei fundamento procedit.*

Ad Hebr
11.6.

31 Esta deve ser a razão porque a pureza da Fè he para a Canonização dos Santos o primeiro requisito: *Duo autem praecipua ex parte canonizandi requiruntur*, diz o meo Doutissimo Bordono, *nimirum puritas in Fide, &c.* Porque, como faltando a Fè, falta todo o exercicio das virtudes, a Fè he, a que principalmente triumphana na Canonização dos Santos.

Resol. 113.
n. 3.

32 Doutrina he por determinação da Igreja asentada entre os senhores Canonistas, que mais exacta diligencia, & inquirição se deve fazer para canonizar Confessores, do que para canonizar Martires. E qual será desta constituição Canonica o misterio? He que nos Martires com maior evidencia se deixaõ ver as causas da santidade, porque na morte, a que se entregaõ, daõ testemunho mais evidente da Fè, & como o martirio manifesta mais a Fe, não necessita de inquirição tão exacta como as outras virtudes; & se em constando a Fè, se canonizão os Martires, bem se argue que a Fè he a principal virtude, que triumphana na Canonização dos Santos.

Cap. 1. do
Reliq. &
venerat.
Sanct. ibi
Innocent.
n. 1. Hosti-
ens. n. 6. in
fine.
Ioann. An-
dr. n. 4. in
fine.

Ou será (& coincide com a razão precedente) porque a Canonização devem preceder milagres, & com a firmeza na Fè he que os obrão os Santos: *Sancti meruerunt per Fidem*, disse Pedro Bercorio, *miraçula facere.*

In Dict.
verbo. Et

33 Taõ milagroso foi São João de Deos, que conforme em tudo com seu arbitrio se dava a sospeitar a Divina Omnipotencia. Digao a cajada, q̄ lhe servia de arrimo, que parecia competir em prodigios, & milagres com aquella mysteriosa Vara de Moyles Vice Deos do Egipto, a cujo vibrar obedeciaõ como racionaes os Elementos, & a natureza tributava despotica obediencia. Diga-o aquelle estupendo prodigio, quando em *Puente Ovejuna*, por naõ achar hospicio, se resolveo a passar a noite na praça, aonde fez fogo de lenha, que a seus hombros levava para preço de seu sustento, & chovendo mares de agoa, nem o fogo deixava de arder, nem o Santo se molhava. Diga-o aquelle portento, ou portentos juntos, quando prostrado diante de Nossa Senhora de Guadalupe rezava a Salve Rainha, & dizendo aquellas palavras: *Esses teus olhos misericordiosos a nõs volve,* se correo a cortina. (Discorraõ os mais espirituaes, se seria estar a Senhora deseiosa de ver o Santo, ou para o Santo ver a Senhora.) Diga-o outro estupendo milagre, que a este se seguiu, quando julgando o Sanchristaõ que o milagre fora ousadia do Santo, principiou de o castigar a pés, & o pé, que deo o primeiro golpe, de repente ficou seco; & mandandolhe o Santo que em satisfação do desacato, que fizera na presença da Senhora, rezasse huma Salve Rainha, dita ella, ficou saõ. Naõ argue omnipotencia tal prodigio? Sim argue, que em ferir, & poder logo curar significou Deos a sua Omnipotencia: *Percutiam, & ego sanabo.* Leaõ-se finalmente nas Chronicas os mais portentos, que hum Sermaõ naõ he Chronica, que possa referir todos. Se pois a Fè he para a Canonizaçaõ o primeiro requisito: *Duo præcipua ex parte canonizandi requiruntur, nimirum puritas in Fide, &c.* & esta se deixa ver nos milagres: *Sancti meruerunt per fidem miracula facere*, ainda que na Alma de São João de Deos militava hum Exercito de virtudes na conquista da santidade, a Fè foi a principal, que o canonizou Santo.

34 E como na Fè perseverou atè morte, pedindo os Sacramentos, & recebendo-os da maõ do Arcebispo de Granada, quando conheceo a certeza de seu transito, & depois da morte atè o dia presente continua os milagres, a perseverança na Fè lhe mereceo a coroa da clara visao de Deos: que a perseverança atè o fim he, a que cinge ao merecimento a coroa.

35 Consagrou David a Deos no Templo a espada do Gige. *Y. Règ. 17.* *Arma verò ejus posuit in tabernaculo.* E porque
naõ

naõ confagrou a Deos a pedra, ou a funda, como dedicou a espada? Porque se na funda, & na pedra principiou a vencer, a espada lhe consumou a victoria; & para que se veja que a perseverança atè o fim cinge ao merecimento a coroa, a espada, que deo o fim à victoria, seja eterna na memoria de taõ famoso triumpho: *Arma verò ejus posuit in tabernaculo.*

36 Naõ advertis todos que aquella Hostia Sagrada he espherica, ou redonda como coroa? E será isto sem mysterio? Naõ por certo, que no Sacramento soberano a minima circumstancia naõ carece de mysterio. Qual será pois? He que no Divino Sacramento simbolizase a perseverança, tanto, porque he Paõ de cada dia: *Panem nostrum quotidianum*, quanto, porque tem de durar em quanto durar o mundo: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem sæculi.* Bem. Figurase no Sacramento a perseverança atè o fim? Pois seja a Hostia redonda, ou espherica, como coroa, para que se faiba que à perseverança atè o fim anda annexa, & avinculada a coroa.

Luce 11.

Matth. 28.

37 A perseverança atè o fim em a Fè coroou a Saõ Joaõ de Deos de sua clara visãõ: que a visãõ clara de Deos he o premio, & a coroa da Fè. E neste triumpho de sua Canonizaçãõ em a terra, que coroa lhe poderemos tecer? Sou de parecer que de Rosas. Os peccadores, porque pertendem colher as Rosas pelas folhas, ao fim vem a parar nas espinhas: os Justos, porque pegaõ das espinhas, ao fim saõ coroados de Rosas. Pelas mãos de Maria Santissima, & do Evangelista amado coroou Christo a Saõ Joaõ de Deos de espinhas; & para que se entenda que aos Justos as espinhas se lhe convertem em Rosas, de Rosas hade ser esta primeira coroa, que Saõ Joaõ de Deos mereceo pela final perseverança na Fè. E para que esta se distinga das que mereceo pela Esperança, & Caridade, leve por divisa aquella letra do Apostolo: *Bonum certamen certavi, cursum consummavi, Fidem servavi, in reliquo reposita est mihi corona justitia;* porque no *certavi*, & no *Fidem servavi*, vai o merecimento expreso, & no *consummavi*, a final perseverança na Fè, que lhe cingio, & poz de justiça a visãõ de Deos por coroa: *Reposita est mihi corona justitia.* Se naõ leve (se ha texto que melhor conclua todo o discurso) aquella letra do Apocalipse: *Esto fidelis usque ad mortem,* (eis a final perseverança na Fè) *& dabo tibi coronam vitæ:* (eis a visãõ de Deos assignada por premio, & coroa) que como a vida eterna, que he a mesma Bemaventurança, se explique pela clara visãõ

Ad Timoth. 4.

Apocalyp. 2.

D. Thom. 1. de Deos, ou em ella formalmente consista, como quer o Doutor Angelico fundado em aquelle texto de Saõ Joaõ: Hac est vita eterna, ut cognoscant te solum Deum verum, individuada ficará por premio da perseverança na Fè esta coroa de vida, & clara visãõ de Deos, primeira operaçãõ, que envolve a Bemaventurança do Ceo: Beati servi illi, &c. Tria includuntur in actu Beatitudinis, scilicet visio, &c.

§. II.

38 Foi em segundo lugar a Esperança a segunda virtude, que a Saõ Joaõ de Deos fez comprehensor da gloria; que a comprehensãõ, segunda operaçãõ da Bemaventurança, corresponde à Esperança. Assim como o peccado original nos fez cegos, assim tambem nos fez fracos: & assim como Deos nos infunde a Fè para recuperarmos a luz do entendimento, assim tambem nos infunde a Esperança para nos fortalecer a fraqueza da vontade. He a Esperança hum habito, que fortalece a vontade para aspirar a Deos summo bem, & para o conseguir por obras mediante sua graça, & quem o não espera conseguir, não pôde chegar a ser Santo. Celebramos a Saõ Joaõ de Deos por Santo Canonizado, porque taõ firmemente poz em Deos a Esperança para o conseguir na gloria, que desprezando toda a providencia humana, todo se entregou á Providencia Divina. Ouvido o Sermaõ, que em amor de Deos o abrazou, deo logo quanto possuia em dinheiro, que bastou a livrar vinte, & dous prezos do carcere; dos livrinhos, que costumava vender, deo os devotos, & queimou os profanos; deo quanto tinha em casa; deo finalmente o vestido, & ficou se com huma Cruz de páo em as mãos, que dava a beijar a todos. Nada do mundo quiz possuir, tudo de Deos quiz esperar, & bem podia já esperar tudo de Deos, como se resolveo a não possuir, nem esperar cousa do mundo, que quem só em Deos espera, certamente corre por conta de Deos,

39 Agar, & o seu infante Ismael morriãõ no deserto visivelmente de sede. A mãy feria o Ceo com suspiros, & o filho com vagidos ao amante coração da mãy. Os olhos da mãy eraõ fontes de lagrimas, não de agoa, porque a não achava mais que nos olhos para acodir ao filho. O filho já os cerrava, porque morria de sede. Dece hum Anjo do Ceo, & mostra a Agar a agoa, dizendo que ouvira Deos as vozes do filho: *Exaudivit Dominus vocem pueri.* E porque não ouviu as vozes da mãy? Se o filho

lho morria, & a mãy chorava, Deos percebe os vagidos do filho, & não os suspiros da mãy? Sim, que o infante Ismael estava já exposto só à Providencia de Deos; já só em Deos esperava. Seo pay o lançára de casa, sua mãy o deixára pelo não ver morrer a seus olhos: *Non videbo morientem puerum*. Deixado dos proprios pays, destituido estava de toda a providencia humana, & sua esperança posta só na Providencia Divina; & para que se veja que quem só em Deos espera, certamente corre por conta de Deos, quando Ismael delemparado dos pays, já do mundo nada espera, ouve Deos os seus vagidos: *Exaudivit Dominus vocem pueri*, porque tua esperança o tem todo entregue à Providencia de Deos: *Totam in Deo collocaverat spem*, disse Caietano.

Homil. 55.

in cap. 13.

Sap.

40 Que bens não podia São João de Deos esperar do Ceo, se todo se entregou á Providencia de Deos? A Esperança em Deos fez a Joseph Principe em o Egypto, a Josuè Capitão, & guia do Povo de Israel, a David sobio ao Trono Real, a Daniel livrou dos Leoens, a Susana de testemunhos, a Abrahaõ deo o titulo de Justo, que he o mesmo que Santo, porque contra a esperança do mundo creio na Esperança de Deos: *Credidit in spem contra spem*; a Elias trasladou ao Paraíso, & finalmente todos conseguirão tudo, quantos esperãraõ em Deos. A Deos mesmo conseguiu São João de Deos, porque só a Deos esperava possuir, quando, desprezado o mundo, se abraçou só com a Cruz em Granada, porque Christo lhe dissera que em Granada feria a sua Cruz.

Ad Rom.

4. n. 18.

41 Esta Cruz não foi só huma, porque em Granada o crucificou a pobreza, que abraçado com a Cruz despido, bem mostrou a fôrma de crucificado. Em Granada o crucificou a humildade, porque ao principio foi os pès de toda aquella Cidade, como ao fim sua gloria, por ser deposito do rico tesouro de seu Corpo Sacro-Santo. Em Granada o crucificou a abstinencia, porque só da Oraçaõ parece se sustentava. Em Granada o crucificãraõ as injurias, as pedras, & os açoutes, com que o feriraõ, como a louco de pedras. Em Granada finalmente, sendo pay, & protector dos pobres, o crucificou hum pobre, a quem dando o Santo hum real de esmola, por lhe parecer pequena, deo em gratificaçaõ ao Santo huma bofetada. Em muitas Cruzes pois se resolveo, a que Christo lhe profetizou em Granada, quando disse: *João de Deos, Granada sera tua Cruz*; & para abraçar a todas lhe deo a Esperança paciencia; & como a todas abraçasse.

braçasse com gostosa, & alegre paciência, esta lhe parecia fazer já gloriola a Esperança.

42 Em a Esperança de Filhos de Deos, diz São Paulo, nos estamos já gloriando, & juntamente na paciência das tribulaçoens que sofremos: *Gloriamur in spe Filiorum Dei, sed & gloriamur in tribulationibus.* Bem está que a paciência gostosa seja effeito da Esperança, que huma boa Esperança faz gostosa a paciência; porèm como he possível estar a gloria na Esperança? A Esperança he do bem ausente, a gloria do bem presente: na Esperança não ha posse, a gloria he de quem logra; & se não logra, quẽ espera, como he possível que tenha a gloria na Esperança: *Gloriamur in spe*, tendo tambem a gloria na paciência: *Sed & gloriamur in tribulationibus?* Que como he gloria o padecer para quem tem a Esperança na gloria, a gloria da paciência faz gloriola a Esperança da gloria: *Gloriamur in spe, sed & gloriamur in tribulationibus.*

43 Ser glorioso equivocate com ser Santo, & como São João de Deos tinha por gloria o padecer tantas Cruzes por ter posta toda a Esperança na gloria, a mesma Esperança, que nas Cruzes lhe multiplicava as glorias, ainda em vida moralmente o declarava, ou canonizava já Santo.

¶. Ioann.
cap. 3.

44 Difficultosa sentença se nos offerece do Evangelista Aguia: *Omnis, qui habet hanc spem in eo, sanctificat se.* Santifique, & verdadeiramente se faz Santo, quem em Deos poem a Esperança. Se assim he, quem deixará de ser Santo? Só algum desesperado. E não he necessario para ser Santo mais que por a Esperança em Deos? A não ser esta proposição da Escritura, não a concedera facilmente o Theologo, porque ninguem se santifica formalmente a si, Deos, mediante a graça, he que santifica aos Santos. Como diz pois o Evangelista que se faz Santo, quem em Deos poem a Esperança? Porque não diz absolutamente Esperança, se não determinadamente esta: *Hanc spem?* E que Esperança será esta, de que falla? He a Esperança da gloria; he a Esperança que santifica, porque he a Esperança, que faz ter por glorias as Cruzes, os trabalhos, as mortificaçoens, os a-

D. Bonav. cap. 3. Ioan. collat. 48. çoutes, diz São Boaventura: *Homo sanctificat se, scilicet, offert, & consecrat se Deo per labores, flagella, Cruces, & mortificationes;* & como ter as Cruzes por glorias faça ao homem glorioso, & ser glorioso se equivoque com ser Santo, a mesma Esperança da gloria, que como glorias abraça as Cruzes, assim como em Es-

perança

perança faz ao homem gloriolo, assim em vida moralmente o declara, ou canoniza já Santo: *Qui habet hanc spem in eo, sanctificat se, scilicet, offert, & consecrat se Deo per labores, flagella, Cruces, & mortificationes.*

45 Ainda que o ser Santo não seja ser gloriolo, como se vê em os Justos, que são Santos nesta vida, de quem David disse: *Beati immaculati in via*; com tudo o ser gloriolo he certamente ser Santo, que a gloria he premio só dos Santos, como disse o mesmo David: *Gloria hæc est omnibus Sanctis ejus.* Não quero dizer que São João de Deos nesta vida fosse gloriolo, como hoje em o Ceo. Bastame só arguir a santidade da gloria, que nesta vida tinha São João de Deos nas mortificaçoens, & nas Cruzes. E como à imitação de São Paulo tinha gloria nas tribulaçoens, & trabalhos: *Gloriamur in tribulationibus*, & por esse titulo, como o Apostolo, tinha já a gloria em Esperança: *Gloriamur in spe*; a mesma Esperança, donde nacia gloriarse em as Cruzes, assim como mostrava gostosa, & gloriola sua paciencia, assim o declarava moralmente já por Santo: *Qui habet hanc spem in eo, sanctificat se.*

Psal. 118.

Psal. 149.

46 Este deve ser o espirito do verbo activo, *Sanctificat.* He de Fé que formalmente nenhuma creatura se pôde a si mesma santificar, porque só Deos dá, & de Deos vem a Santidade formal, que he o habito da graça, & só dispositivamente a creatura concorre para ser santa; porém como o Evangelista attribue ao mesmo supposto, que em Deos põem a Esperança, a santificação activa: *Sanctificat se*, & depois da morte nem dispositivamente se pôde alguém santificar, quiz dizer que a Esperança posta em Deos moralmente em vida declara, & canoniza por Santo: *Omnis, qui habet hanc spem in eo, sanctificat se.*

47 Não ignoro que nesta vida sem revelação especial ninguém pôde ter certeza de Fé Theologica, ou scientifica da santidade, & da graça: *Nescit homo utrum amore, an odio dignus sit*; porém podemos ter certeza conjectural tirada do exercicio continuo das virtudes; & como São João de Deos quâtos annos viveo em Granada esteve sacrificado vivo, porque de palavras do mesmo Christo Granada era sua penosa Cruz, não se pôde attribuir a hyperbole da devoção, ou do affecto dizer que sua virtude em vida estava declarada conjecturalmente por Santa, porque o Santo quanto tempo

Ecclesiastes 9.

Scotus in 4. dist. 9.

assistio em Granada, tanto esteve em a sua Cruz vivo, & vivo dá finaes de Santo, quem se sacrifica vivo.

Ad Rom.
12.

48 Eu vos peço irmãos pela misericordia de Deos, dizia São Paulo aos Romanos, que entregueis a Deos vossos corpos em sacrificio, que seja de seu agrado, & para ser tal, hade ter muitas condiçoens; hade ser Hostia, hade ser viva, hade ser santa, & em tendo estas, serà a Deos agradavel: *Obsecro vos fratres per misericordiam Dei, ut exhibeatis corpora vestra Hostiam viventem sanctam, Deo placentem.* A terceira condição da santidade bem se acomoda com a quarta do agrado de Deos, que ser Santo não faz duvida que he ser a Deos agradavel; porèm não sei como se acomode com a primeira a segunda. Como pôde ser o corpo vivo Hostia, ou victima? A victima he preciso que morra para ser offerecida em sacrificio como Hostia. Como pôde pois ser offerecido como Hostia o corpo vivo? He de saber que ha dous generos de Hostias, assim como ha dous generos de martirios. Ha Hostia que se offerece a Deos viva, & Hostia, que se offerece a Deos morta. Esta morrendo acaba de penar, & aquella está morrendo viva, & está vivendo morta. Os corpos dos Martires foraõ Hostias mortas, os corpos, que vivem em afflicçoens, são Hostias vivas. Disse-o Santo Anselmo: *Hostia occiditur ut offeratur, sed Hostia vivens est corpus pro Domino afflictum.* E como os Martires com a morte em obsequio da Fè testificaõ a santidade, diz o Apostolo aos que não padecem martirio, quereis vòs não só depois da morte, como os Martires, mas ainda vivos ser tidos por Santos? Pois sacrificaivos vivos, que vivo dá finaes de Santo, quem se sacrifica vivo: *Hostiam viventem sanctam. Hostia vivens est corpus pro Domino afflictum.*

*Anselmus
apud Vela-
zq. in E-
pistol. ad
Philip.*

49 Hostia viva foi São João de Deos, porque vivia morrendo, & juntamente Hostia morta, porque vivendo morria. Tal sacrificio fazia de seu corpo vivo, que as afflicçoens, as penitencias, & as Cruzes, que o martirizavaõ vivo, bastavaõ a tirarlhe a vida. Era em mortificar-se taõ vivo, que tinha o mundo por locuras suas asperas penitencias. Vivo, & morto estava ao mesmo tempo, vivo para as Cruzes, & morto para os vicios; vivo para Deos, & morto para o mundo; vivo, & morto finalmente, porque as penitencias o martirizavaõ vivo, que não só o ferro faz Martires, tambem tem seus Martires a penitencia, que dos penitentes entende São

Bernard.

Bernardo aquellas palavras, que Christo disse dos Martires: *Ioann. 12. Qui amat animam suam, perdet eam.* Agora São Bernardo: *Perdet eam dixit, sive ponendo ut martir, sive affligendo ut penitens.* Como se differa: Dous generos ha de martirio, cruento, & incruento, porque huns são Martires a golpes do ferro, & outros a rigores, & golpes da penitencia; os que penetra o ferro, são Hostias mortas, os que afflige a penitencia, são Hostias vivas; & se os que mata o ferro, depois da morte são tidos por Santos, porque a morte pela Fè dá final da santidade, os que a asperezas de penitencias affligidos, vivos fazem de si sacrificio, vivos dão sinaes de Santos, em o sacrificio vivo: *Hostiam viventem sanctam. Hostia vivens est corpus pro Domino afflictum.* E como São João de Deos estivesse posto em huma Cruz, quantos annos esteve em Granada, que Christo disse, que seria sua Cruz: *João de Deos, Granada sera tua Cruz;* os annos, que viveo em Cruz, assim como o declaravaõ Hostia viva, assim estavaõ indicando que vivo era Hostia Santa: *Hostiam viventem Sanctam. Hostia vivens est corpus pro Domino afflictum.*

50 Agora se acaba de entender a sentença do Apóstolo, em quanto diz que tinha a gloria na Esperança: *Gloriamur in spe.* Tinha na Esperança a gloria, porque a tinha na tolerancia das tribulaçoens, & das Cruzes: *Sed & gloriamur in tribulationibus;* que entre huma, & outra descobrese mutualidade. Da gloria na Esperança nasce serem gloriosas as Cruzes, porque a gloria no padecer he effeito da firmeza no esperar, & da gloria nas Cruzes nasce a gloria na Esperança, porque a Esperança da gloria no padecer he que se deve fundar.

51 Pinta David huma pomba de prata com as costas todas de ouro: *Posteriora dorsi ejus in pallore auri.* E sendo o ouro ornato das mãos, do peito, & da cabeça, donde vem que o Plalmista descreva o ouro desta pintura nas costas? He o mysterio, diz Hugo de São Victor, que nas costas significão se os trabalhos, & pela posterioridade dellas a Esperança do premio: *In dorso solent onera portari, & per hac eadem possunt operum labores designari; per posteriora verò dorsi designatur expectatio praeij.* E para que se entenda que a Esperança do ouro da gloria se deve fundar na tolerancia dos trabalhos, nas costas, adonde os trabalhos carregão, assentou David o ouro

Psalm. 67.

Hug. Viçt.

lib. 1. de

Bestijs cap.

3.

da Esperança da gloria: *Per posteriora verò dorsi designatur expectatio præmij.*

52 Cinco mil açoutes carregaraõ sobre as costas de São Joaõ de Deos, quando os enfermeiros do Hospital de Granada julgavaõ ser enfermidade de locura sua santa simplicidade profiada em padecer. E como a Esperança de conseguir o ouro da gloria, & ser Canonizado por Santo se deve fundar em Cruzes de perseguiçoens, & trabalhos, fundamento tinha São Joaõ de Deos para se gloriar vivo na Esperança da gloria, & de sua Canonizaçaõ: *Gloriamur in spe*; pois vivo tinha por gloria a tolerancia das tribulaçoens, & das Cruzes: *Sed & gloriamur in tribulationibus.*

53 Maiormente, quando abraçou taõ gostoso a Granada, como Cruz, do mesmo Christo consignada para chrisol de sua sofrida paciencia, bem podia esperar a gloria, que hoje goza no Ceo, & este glorioso triumpho, com que applaude sua Canonizaçaõ a terra, que Christo, que lhe consignou a Cruz, queria darlhe, como coroa, a gloria; que assim, como Christo naõ dà coroa sem Cruz, assim tambem naõ dà a Cruz sem coroa.

i. Machab.
10.

54 Em o primeiro livro dos valerosos Machabeos se lê que Alexandre mandara a Jonathas huma purpura, & huma coroa de ouro: *Misit ei purpuram, & coronam auream.* Bem sei que huma, & outra saõ ornato da Magestade, & daqui julgo que huma bastava para o tratar como a Rey. Com que mysterio pois lhe manda ambas, a purpura, & a Coroa? Porque a purpura he simbolo das tribulaçoens, em que se funda a Esperança da coroa, & Alexandre figura de Christo, porque se Christo se diz forte, & poderoso: *Dominus fortis, & potens*, Alexandre interpretable fortissimo: *Alexander, idest, fortissimus.* E para que conste que Christo, assim como naõ dà coroa sem Cruz, assim naõ dá a Cruz sem coroa, Alexandre, que a Christo figurava, mandou a Jonathas ambas, a purpura, & a coroa. *Talia mittit Christus amicis suis*, diz Hugo Cardeal, de quem he o pensamento: *purpuram tribulationis, quæ significatur per coronam: corona enim non est sine purpura; si compatimur, & conregnabimus.*

Psal. 23.

Hug. Car.
din. in cap.
3. Ioann.

55 Em a Cruz, que Christo consignou a São Joaõ de Deos em Granada, lhe deo a purpura da Esperança da gloria, & da coroa; & como Christo naõ dá Cruz de tribulaçaõ
sem

sem coroa, quem via ao nosso Santo por annos em Granada, como em Cruz, crucificado, que o não conjecturasse canonizado por Santo? Antes que o Santissimo Padre Alexandre VIII. publica, & solememente o canonizasse por Santo (que digo antes?) já na vida tinha São João de Deos dado muitos sinais, de que era Alexandre na santidade.

56 Ainda vivo lhe fazia Christo arguir certa a Esperança da gloria, porque ainda vivo o tratava como a Santo. Quantas vezes a seu Hospital o veio a visitar? Quantas se lhe deu a ver na vida? Quantas se deixou do nosso Santo tratar? Muitas refere seu Chronista, & de huma affirma que em habito de pobre, doente, & enfraquecido lhe apparecera de noite em huma rua, & carregando o Santo a seus hombros com o Medico do mundo em fórma de pobre enfermo, o levou a seu Hospital, & lavandolhe os pés para o deitar no leito, indo a beijarlhe o primeiro, que lavára, vendo em a planta huma chaga, conheceo que era Christo. Ficou mais manifesto este divino favor ao resplendor da luz, de que ficou cheio o Hospital, que foi tanta, que os enfermos clamaraõ: *Fogo, fogo, queimase o Hospital*; & bem certo que se abraçava em fogo, não material, mas divino. Christo pois, que em vida fazia a São João de Deos tão familiares, & ordinarios favores, bem lhe dava a arguir que o havia de comprehender, ou conseguir em a gloria.

57 De ser Christo Sacramentado seguro penhor da gloria, como a Igreja lhe canta: *Futura gloriae nobis pignus datur*, deo Chrisologo huma razão a meo intento tão dourada como sua: *Si se tibi hic manducandum dedit, quid suum tibi negare poterit in futuro?* Não ha mister a concludente elegancia deste argumento mais rethorica, que vertella em romance. He o penhor, segura certeza do preço, porque se empenha, & daqui ao Sacramento convem a razão de penhor. Diz pois Chrisologo: Se Christo nesta vida se nos dà no Sacramento a comer, na outra, que nos poderá negar? Como deixará de se permitir na gloria comprehender, ou conseguir, quem se nos dà no Sacramento a comer? Bem se argue deste, aquelle favor.

58 Se Christo nesta vida tratava a São João de Deos como Santo, que lhe havia de negar Christo em a outra? Se nesta o visitava, se nesta se deixava ver, & tratar, que mais

In Offic.

Corp. Christi

sti.

Chrisol.

Serm. 91.

certa Esperança lhe podia dar de que se deixaria compreender, & conseguir em a outra.

*Ripa verbo
Esper. Di-
vin.*

59 A ser comprehensão de Deos passou a firme Esperança de nosso Santo, porque nella perseverou até morte abraçado com a Cruz, que Christo lhe consignou em Granada. Esta verdade testifica a fôrma em que morreo, porque morreo de juelhos, como quem depois de morto queria continuar a Oração, ou como quem esperando em Deos morrera, que de juelhos com as mãos juntas, & levantadas com os olhos ao Ceo se pinta a Esperança divina; & como até morte esperou, & até morte padeceo, por isso a sua Esperança passou a ser posse, & comprehensão eternizada no Ceo.

*Psal. 9.
Pagnin.
apud No-
var. lib. 6.
Sacror.
Elect.
Aqua
Nuptial. n.
752.*

60 Eterna profetizou David que seria a paciencia dos pobres: *Patientia pauperum non peribit in finem.* Lè a versão de Pagnino: *Spes humilium non peribit in saeculum.* A Esperança dos humildes não terá fim. Pois se acabados os trabalhos, se acaba a paciencia, & conseguido o fim, se acaba a Esperança, como diz David, que será eterna a paciencia, & Pagnino, que não terá fim a Esperança? Porque a que David chama paciencia, chama Pagnino Esperança, & pelo contrario; & como na vida a paciencia foi Esperança, & a Esperança paciencia, huma, & outra será eterna, & nenhuma terá fim: porque a paciencia da vida, perseverando até morte, depois della será premio; & coroa, & a Esperança, que perseverou toda a vida, depois da morte será posse, & eterna comprehensão: *Patientia pauperum non peribit in finem. Spes humilium non peribit in saeculum.*

*Ecclesiast.
45.*

61 A Esperança fez a São João de Deos eterno comprehensor, porque até morte foi padecer o seu esperar, & paciencia de mortificações, & Cruzes sua Esperança em Deos. Resta assignarlhe segunda coroa, em que se veja que a firme Esperança, que teve em Deos nesta vida, o fez eterno comprehensor do mesmo Deos em a gloria. E de que materia será mais proporcionada com sua firme Esperança? De ouro, em que todos poem as esperanças. De ouro se deve coroar, por desprezador do ouro, com aquella Letra do Ecclesiastico: *Corona aurea super caput ejus.* De ouro, torno a dizer, lhe he devida esta segunda coroa, porque se entenda que naõ he coroa de fundição, se naõ ganhada ao martello da

peni.

penitencia, & a ferro, & fogo de perseguições, de Cruzes, & de trabalhos. E porque se manifeste coroada sua Esperança com differença da Fè, & da Caridade, levará por divisa duas pedras preciosas, que são ornato das coroas: *Posuisti Domine in capite ejus coronam de lapide pretioso*. E que pedras haõ de ser? Hade ser a pedra Sardo, que significa os trabalhos, & a Jaspe, que significa a Esperança, segundo Pedro Cellense: *Iaspis viridis coloris est, & significat promissam immortalitatem; Sardus rubei, & significat laborem*; para que assim coroadõ possa dizer cõ David, que he consummadamente bom pór em Deos a Esperança: *Mihi autem adherere Deo bonum est, ponere in Domino Deo spem meam*; vendo que por firme, & perseverante até morte, chegou a ser posse, & comprehensãõ eterna de Deos, segunda operaçãõ da Bemaventurança do Ceo: *Beati servi illi, &c. Tria includuntur in actu Beatitudinis, scilicet visio, comprehensio, &c.*

De Pan.
cap. 18.

Psalm. 72.

§ III.

62 Foi em terceiro, & ultimo lugar a Caridade a terceira Virtude, que deo a Saõ Joãõ de Deos a eterna fruiçãõ, em que formalmente a Bemaventurança consiste, segundo o meo Doutor Subtil; & he a operaçãõ, pela qual o Bemaventurado ama com amor de amizade, & goza de Deos ultimo, & supremo fim claramente visto; & esta operaçãõ corresponde à Caridade, como a visãõ á Fè, & a comprehensãõ á Esperança.

Scotus in 4.
dist. 49.

quest. 5.

Ex Aug.

183 quest.

quest. 30.

63 Esta superexcellente Virtude da Caridade he a alma das Virtudes, porque, como de raiz, vivem todas da Caridade: *Sicut ab una radice multi rami*, diz Saõ Gregorio, *sic à Charitate multa Virtutes procedunt*. E se a Caridade falta, não ha obra meritoria ainda que seja boa: *Nec habet aliquid viriditatis ramus boni operis*, continua o mesmo Padre, *nisi maneat in radice Charitatis*. Como de raiz nace da Caridade a medulla da compaixãõ, as folhas das boas palavras, as flores dos bons affectos, & os frutos das boas obras. A Caridade he vida da Fè, fortaleza da Esperança, & de todas as virtudes fõrma em quanto guia, & refere todas a Deos.

D. Gregor.

Pap. hom.

27 in Evã-

gel.

1. Ad Co-

rinth. cap.

13.

64 Querer mostrar a discursos a Caridade de Saõ Joãõ de Deos, he desacreditar se o discurso, porque facilmente ficará vencido de sua abrasada Caridade. Que Santo se abraçou mais em amor de Deos, & do proximo? Não venera-

mos

mos a São João de Deos por Patriarcha da Caridade? Pois quem ha de intentar prégar que foi Santo caritativo, quando tantos Hospitales, quantos são os Conventos desta Religião Sagrada, estão prégando Caridade? Quem ha de cansar ao discurso com mostrar que o Sol he resplandecente, & claro, a noite escura, o fogo quente, a agoa fria, a terra seca, o ar humido, a açucena odorifera, & a mirrha amargosa? Cousas notorias correm por conta da fama, não se espera que as divulgue o discurso. Eu, suppondo já de seis eminentes Oradores discursada a fervente Caridade de São João de Deos, por me ajustar mais com o assumpto presente, só direi que, como pelos effeitos se vem em conhecimento das causas, & as obras de Caridade sejaõ effeitos da santidade, as ferventes obras de Caridade, em que se exercitou toda a vida, vivo o davão a arguir Santo, assim como o davão a conhecer caritativo.

Cantic. 8.

65 Supposto seja sentença do Espirito Santo que o amor tem propriedades de morte: *Fortis est ut mors dilectio*, para nossa doutrina sempre ha que reparar, porque a morte não tem propriedades de amor. O amor todo he fogo, & a morte toda neve; o amor apacentase em delicias, a morte entre horrores; o amor alenta, a morte defanima; o amor une, a morte separa; o amor recrea, a morte he o ultimo terror. Que tem pois commum a morte com o amor, ou o amor com a morte? Oh semelhança ignorada de quem desconhece o amor da Caridade! Não he notorio que a morte mata? Pois em matar, diz Santo Ambrosio, convem com a Caridade, & por isso o Espirito Santo poz a semelhança na fortaleza: *Fortis est ut mors dilectio*. Se a morte tira a vida, a Caridade tira, & destroe o peccado. Se a morte he fim dos peccados (porque hum morto não pecca) a Caridade, sendo morte da culpa, he tambem vida da graça: *Sicut mors est finis omnium peccatorum*, diz Santo Ambrosio, *ita omnium peccatorum mors est Charitas*. E como a Caridade [que na Escola Subtil he o mesmo com a graça] seja a mesma santidade, vivo se pôde arguir Santo, quem nas obras se mostrar caritativo.

Aristot.

D. Ambr. lib. de Isaac. Et anima. Scotus in 2. dist. 27. quest. unic. Ideo alia.

66 Oh Patriarcha da Caridade! Antes de vossa Canonização solemne o mundo vos aclamava por Santo, porque das obras de vossa Caridade ardente arguia com tanto fundamento a santidade, que, como creis manifestamente caritativo.

caritativo.

ritativo, não parecia possível, que deixasseis de ser Santo.

67 Refere São Matheos o exame, que Christo tem de fazer no Juizo universal, & não diz que perguntará o Supremo Juiz mais que pelo exercicio da Caridade. Aos Justos dirá: *Esurivi, & dedistis mihi manducare: Sitivi, & dedistis mihi bibere: Hospes eram, nudus, infirmus, in carcere, &c.* Tive fome, & destesme de comer, sede, & destesme de beber, hospedastesme, vestistesme, & visitastesme na enfermidade, & no carcere. Aos reprobos pelo contrario. E porque não irão a exame as mais virtudes? Porque não dirá o recto Juiz: Fostes pacificos, humildes, castos, brandos, &c. por tanto entrari na gloria, se não que em achando caritativos, já os manda para o Ceo? Quer arriscarse a que entrem no Ceo indignos? Assim parece, porque com algumas virtudes bem poderão ter alguns vicios, que homens ha, que sendo castos, são soberbos, sendo humildes, são lascivos, sendo pacificos, são avarentos, & assim de outros vicios, que muitos tem misturados com virtudes. Como fará pois Christo o exame só da Caridade, & não das outras virtudes? O Theologo responderá que com a Caridade sobrenatural não são compatíveis os vicios; porém ao intento moral deo Chrisologo huma dourada resposta: *De crimine non prestabit causas, cui de misericordia causa constabit.* Como ao Supremo Juiz no universal exame lhe constar a virtude da Caridade, não ha para que examinar se ha vicios, porque não parece possível que hum homem seja caritativo, & que deixe de ser Santo, porque o mesmo he ser formalmente caritativo, que Santo. Tanto ha de ter a prova de breve, como de boa.

68 Guardaime Senhor minha Alma, pedia David a Deos, porque sou Santo: *Custodi Animam meam, quoniam ego Sanctus sum.* E bem David, se sois Santo, que temeis, ou que mais quereis de Deos? Hum homem em chegando a ser Santo, que mais ha de desejar? Não falla David da santidade confirmada em a patria, que essa de si tem ser perpetua, segura, & inteira satisfação do desejo, como o mesmo David disse: *Satiabor, cum apparuerit gloria tua;* falla da Caridade, que com os pobres usava, porque adonde lemos, *Quoniam Sanctus sum,* lê Pagnino: *Quoniam misericors sum.* E para que se veja que o mesmo he ser caritativo que Santo, para David dizer a Deos que era caritativo, disse-lhe que era Santo: *Quoniam*

Matth. 25.
35. & 42.

Chrisol.
Serm. 42.

Psalms. 88.
2.

Psalms. 16.
15.
Pagnin.

Sanctus sum. Quoniam misericors sum.

69 Ser caritativo convertese com ser Santo, & como as obras de Caridade de São João de Deos eraõ ao mundo notorias, bem se podia arguir que notoriamente era Santo. E quiçã que por esta razão disse hum Douto Chronista seo, que repicaremse os sinos por virtude divina em seo nascimento, & morte, que fora tanger a *Sanctus*; porẽm como tocar a *Sanctus* se tribute só a Deos, dispõr Deos que se tribute ao servo, dá sospeita que quiz o Ceo que o servo parecesse Deos. Pareça embora, pois que de Deos participou a natureza, & o nome. Participou a natureza em o nome, que João diz sogeito da graça, que he participação da natureza divina, & participou o nome em ser chamado, & ter o sobre-nome de Deos; & assim bem era que parecesse Deos todo, quem todo era de Deos.

70 Pedio à Esposa o Esposo que o puzesse por sello no coração, & no braço: *Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum.* O Esposo sello? Sim. E de quem, para sabermos que imagem ha de imprimir? De Deos, que por gerado do Padre he sua Imagem viva. Pois a semelhança de Deos sobre huma creatura? sobre o coração, & o braço? Sim, & com grande mysterio. Dissera o mesmo Esposo que a Esposa o ferira no coração; & a donde lemos:

Cant. 4.9. Vulnerasti cor meum, lè outra letra: Abstulisti cor meum. Tiraste-me o coração, delle viveis como vosso, & sendo eu o vosso coração, nem a vòs, nem a mim basta estar só dentro no peito, quero estar tambem no braço, por dentro, & por fóra quero a minha Imagem, porque não só pareçais que sois minha, se não tambem para que pareçais que sou eu, porque se toda de mim viveis, como de coração vosso, bem he que toda pareça eu mesmo, quem chegou a ser toda minha; bem he que por dentro, & por fóra pareça Deos toda, quem já he toda de Deos: *Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum.*

71 As especies, que contem ao Sacramento Santissimo, sendo antes de consagradas de pequena estimação, depois que Christo presencialmente as assiste, sobem a tal dignidade, que de todos são adoradas: *Tantum dignitatis, & estimationis adeptas, ut ab omnibus colantur, & adorentur,* diz o Doucto Carthagena. Pois ás especies Sacramentaes adoraçoens? *Sim,*

Lib. 9. homil. 23. de Euch. Sacram. in fine.

Sim, & he a razaõ escholastica. As especies Sacramentaes, depois que Christo as assiste, sómente de Deos dependem, porque só Deos as conserva sem concurso de fogeito. Adoremse pois, quando Deos Homem no Sacramento se adora, para que nas adoraçoens pareçaõ Deos todas, especies, que já saõ todas de Deos: *Vt ab omnibus colantur, & adorentur.*

72 Em o nome de Joaõ, que diz fogeito da graça, teve o nosso Santo titulo participativo da natureza divina; participou tambem o nome de Deos, que teve por sobre-nome. Pois se no nome, & sobre-nome todo era de Deos, toquemse os fins por virtude divina, como a *Sanctus* (obsequio devido a Deos) quando nasce, & quando morre, que bem era que pareceffe Deos todo, quem todo era de Deos.

73 Como a Santo divino dous titulos concorreraõ a darlhe o sobre nome de Deos. Foi o primeiro a illustre Religiaõ, a que deo principio, & fundamento. Os filhos, que havia de ter em virtude claros, em Religiaõ illustres, deraõ anticipadamente o titulo, para o Ceo dar ao Patriarcha Santo o sobre-nome de Deos.

74 Teve Seth hum filho, a quem chamou Enòs, & diz o Texto que este principiara a invocar o Nome de Deos: *Iste coepit invocare Nomen Domini.* Lê Eusebio Emisseno, & *Genes. 4.* Clemente Alexandrino: *Iste speravit invocari Nomine Domini, hoc est, Deus dici.* Este esperou ser chamado com o Nome do Senhor, isto he, ser chamado Deos. Pòde haver versoës, que façaõ sentido mais opposto? Se a vulgar diz que principiou a invocar o Nome do Senhor, como pòde verificarse, que esperou ser chamado Deos? He o calo, diz Ponferadiense, que Enòs havia de ter filhos, que se haviaõ de chamar Filhos de Deos, como o mesmo Texto lhes chama: *Videntes Filij Dei.* E como a honra, & a nobreza dos filhos sobe a fazer illustres aos pays, Enòs que havia de ter filhos illustres em virtude, & claros em Religiaõ; Enòs, que havia de ter filhos, que o fossem tambem de Deos, antes de os ter já era chamado Deos: *Coepit invocare Nomen Domini. Speravit invocari Nomine Domini, hoc est, Deus dici.* Propriissimas, & para o intento estremadas saõ as palavras deste Doutor, ainda que saõ prolixas, mas não he facil o dizer muito em pouco: *Enòs, præterquamquod ipse sanctissimus fuit, filios etiam genuit tanta virtute conspicuos, tot facinoribus Religionis claros, ut dum ipsi*

Genes. 4.
Clement.
Alex. lib. 1.
Glaphil.
Eusebio
Emiss.

Genes. 6.

Baeça lib.
14. cap. 1.

habentur Filij Dei, Patrem suum Deum fecerint acclamari. Havia de ter São João de Deos filhos em virtude claros, em Religião illustres, filhos finalmente, que o fossem também de Deos; & como as virtudes dos filhos sobem a fazer illustres os pays, a clara virtude, & a illustre Religião dos filhos, foi o anticipado titulo para que o Ceo desse ao Patriarcha Santissimo o sobre-nome de Deos: *Patrem suum Deum fecerint appellari.*

75. O segundo titulo, que concorreo para o Ceo dar ao Santo Patriarcha o sobre-nome de Deos, nos conclue a formalidade do discurso, porque foi sua abraçada Caridade, principalmente com os enfermos: que quem serve doentes, & cura enfermos, não faz officio de homem, se não de Deos, & assim deixado o nome de homem, deixado o nome dos pays, deve selhe o nome de Deos.

76. Visitou El-Rey Ochozias ao Principe Joraão filho de El-Rey Achab: *Igitur Ochozias filius Joram Rex Juda descendit ut inviseret Joram filium Achab in Iezabel agrotantem; & chamandose Ochozias, o Texto Hebreo chamalhe Azaria: Descendit Azarias Rex Juda, &c.* Pois huma letra chama-lhe Ochozias, & outra Azarias, sendo huma mesma a pessoa? Sim, & com grande mysterio. Ochozias interpreta-se: *Apprehensio Domini*, apprehêsaõ do Senhor; Azarias: *Auxilium Domini*, ou: *Adjutorium Dei*, socorro de Deos. Ochozias deceo a satisfazer ao preceito da Caridade, a visitar hum enfermo: *Vt inviseret Joram filium Achab agrotantem; & para que se veja que quem serve doentes, & cura enfermos, merece o Nome de Deos, Ochozias, que foi a visitar hum só enfermo, teve o Nome de Deos.* Tempestivamente São Hieronymo: *Ideo mutatur ei nomen in melius; eo quod juxta præceptum Domini ad infirmum visandum descenderet.*

77. Não em visitar hum enfermo, mas em servir, & curar innumeraveis se occupou São João de Deos muitos annos; & se visitar hum só merece nome divino, ser enfermeiro universal, pedindo estava o sobre-nome de Deos. Para curar os enfermos São João de Deos enfermava com os enfermos: *Factus sum infirmis infirmus, ut infirmos lucrifacerem.* Elle tomava as medicinas, & estas milagrosamente obravaõ nos enfermos a saude; & como tanto se ajustava com as leys da Caridade: *Iuxta præceptum Domini*, até no nome era justo que

se ajustasse com Deos: *Deus Charitas est.*

78 Estes excessos de Caridade, em que se occupou na vida, continuou até morte, porque nella deixou, como em testamento, ao Arcebispo de Granada o cuidado dos pobres, & dos enfermos, que o illustre Pontifice aceitou como pay de huns, & outros. E se a Caridade exercitada na vida lhe deo o sobre-nome de Deos, a perseverança nella até morte o canonizou por Santo.

79 Luzes acesas nas mãos nos manda Christo ter esperando sua vinda: *Lucernæ ardentes in manibus vestris, & vos similes hominibus expectantibus Dominum suum.* Pois sempre haõ de estar ardendo? Sim, que pouco importara terem ardido, se naõ perleverãrãõ em arder. Este Evangelho (como notamos) he o modelo da Canonizaçaõ dos Santos, principalmente Confesores; nestas luzes facilmente se deixaõ ver as obras da Caridade, como as vio São Gregorio: *Lucernæ quippe ardentes in manibus tenemus, cum per bona opera proximis nostris lucis exempla monstramus.* Muitos na vida tem estas luzes acesas, chegando a estar em graça, & Caridade, porẽm naõ até morte, se morrem em culpa final. E para Christo mostrar, que a Caridade, que persevera até morte, he a que canoniza por Santos, neste Evangelho, adonde assigna a fórma da Canonizaçaõ, adverte que a Caridade até morte deve perseverar em arder: *Lucernæ ardentes, &c.*

S. Gregor.
Pap. Ho-
mil. 13. in
Evangel.

80 Ardendo perseverou a Caridade de São Joã de Deos até morte, em a qual passou a ser fruiçaõ, & gozo eterno de Deos, terceira operaçaõ, em que formalmente a Bemaventurança consiste: *Beati servi illi, &c. Tria includuntur in actu Beatitudinis, scilicet visio, comprehensio, & fruitio, quæ tria correspondent tribus Virtutibus Theologalibus.* Resta assignarlhe a coroa, que mereceo pela perseverança na Caridade até morte. E de que materia ha de ser? De hum precioso Carbunculo, que he simbolo da Caridade: *Similis est Charitas illi lapidi, qui dicitur Carbunculus,* disse Berchorio; porque assim como esta pedra resplandece mais depois que he noite: assim a abrazada Caridade de São Joã de Deos, mais que na vida, depois da noite da morte, está resplandecente na gloria. E para que se difference das que mereceo pela Fè, & Esperança, leve por divita aquella letra do Psalmo: *Coronat te in misericordia, & miserationibus.* Com estas tres coroas laureado a

In Diēt.
verb. Cha-
ritas.

Psal. 102.

Apocalyp.
19.

merecimentos de três Virtudes Fè, Esperança, & Caridade, podemos cantar do nosso Santo canonizado aquella letra do Apocalypse: *In capite ejus diademata multa*. Porém ainda sobre tantas diademas lhe havemos de escrever huma letra, que diga: *Valer*, para que publique que o dia de sua Canonização foi o de seu maior valimento.

71 Quiz hum Rey de Aragoão celebrar o triumpho de huma victoria, & sahio com tres diademas, & por empreza, huma letra, que dizia: *Valer*; & era o espirito da empreza que as diademas serviaõ tambem de letras, que juntas com a que escrita dizia: *Valer*, vinhaõ todas a significar: *Dia de mais valer*.

72 Tres diademas pois, que com grosseira arte fabricamos ao nosso Santo canonizado, com a letra: *Valer*, nos dizem que o dia de sua Canonização foi o de seu maior valimento, porque foi o de seu maior triumpho; & bem o diz este Templo, que na terra està parecendo Ceo; & muito melhor o dizem as virtudes de nosso Santo, porque sua Fé passou a ser clara vidaõ de Deos, sua Esperança posse, & comprehensãõ segura, & sua Caridade fruição, & amor eterno de Deos na Bemaventurança do Ceo: *Beati servi illi, &c. Triampluduntur in actu Beatitudinis, scilicet visio, comprehensio, & fructio, quæ tria correspondent tribus Virtutibus Theologalibus*.

73 Santissimo Patriarcha, espelho de perfeição, sem authoridade do Summo Pontifice não se pode canonizar; porém quem ler o processo de vossa tão santa, como prodigiosa vida, ha de achar, que de toda ella não constaõ mais que virtudes, & finaes de santidade, & neste caso, quem não havia de esperar vovos canonizado por Santo? vendo vossa Fè, que a Fè canoniza: *In Fide, & lenitate ipsius Sanctum fecit illum*; vendo vossa firme Esperança, que a Esperança canoniza: *Spe enim salvi facti sumus*; vendo vossa Caridade, que a Caridade canoniza: *Qui manet in Charitate, in Deo manet, & Deus in eo*; vendo vossa perseverança final, que a final perseverança na graça certamente canoniza: *Qui autem perseveraverit usque in finem, hic salvus erit*; vendo, ou sentindo a fragrança de vosso santo habito em a vida, & do vosso Corpo Santissimo depois da morte: que a fragrança do Corpo defunto he vehemente indicio da santidade: *Sicut odor balsami erunt ante te; & assim pela fragrança foraõ canonizados muitos Santos;*

Ecclsiastic.

45. 4.

Ad Rom.

8.

1. Ioann. 4.

Matth.

24. n. 13.

Santos; vendo vossa converlação com os Anjos, que vos ajudavaõ no ministerio de enfermeiro, que assim foi canonizado Santo, Isidro, porque os Anjos na agricultura vinhaõ ter seos substitutos; vêdo o resplendor de vosso rosto, quando entregastes em as mãos de Deos o espirito, que pelo resplendor foraõ conhecidas as reliquias de Santo Stanislao; vendo o espirito profetico, com que previeis os futuros, que por este titulo foi canonizado Saõ Paschoal; vendo que vos obedeciaõ os elementos, & os brutos; vendo vossa pobreza, vossa humildade, vossa penitencia, que por estes titulos foi canonizado meo Patriarcha Saõ Francisco; vendo os milagres, que obraveis antes, & depois da morte, que destes principalmente le deve fazer para a Canonizaçaõ o processo; vendo finalmente em vòs os sinaes, que em os mais dos Santos saõ sinaes da santidade; porèm ainda que a vossa santidade em tantos sinaes se deixava arguir, sem authoridade da Sè Apostolica naõ a podiamos crer, como podemos agora que o Beatissimo Padre Alexandre VIII. solememente declarou, que com os mais Bemaventurados estais gozando a Bemaventurança do Ceo a merecimentos da graça, porque se Granada foi a vossa Cruz, a Cruz foi a vossa gloria.

Quam mihi, &c.

*Ex ejus
Bulla Ca.
noniz.*

*Graff. tom.
1. conf. 17.
n. 30.*

*D. Thom. 1.
part. quest.
110. art. 4.
ad 1.*

F I N I S.





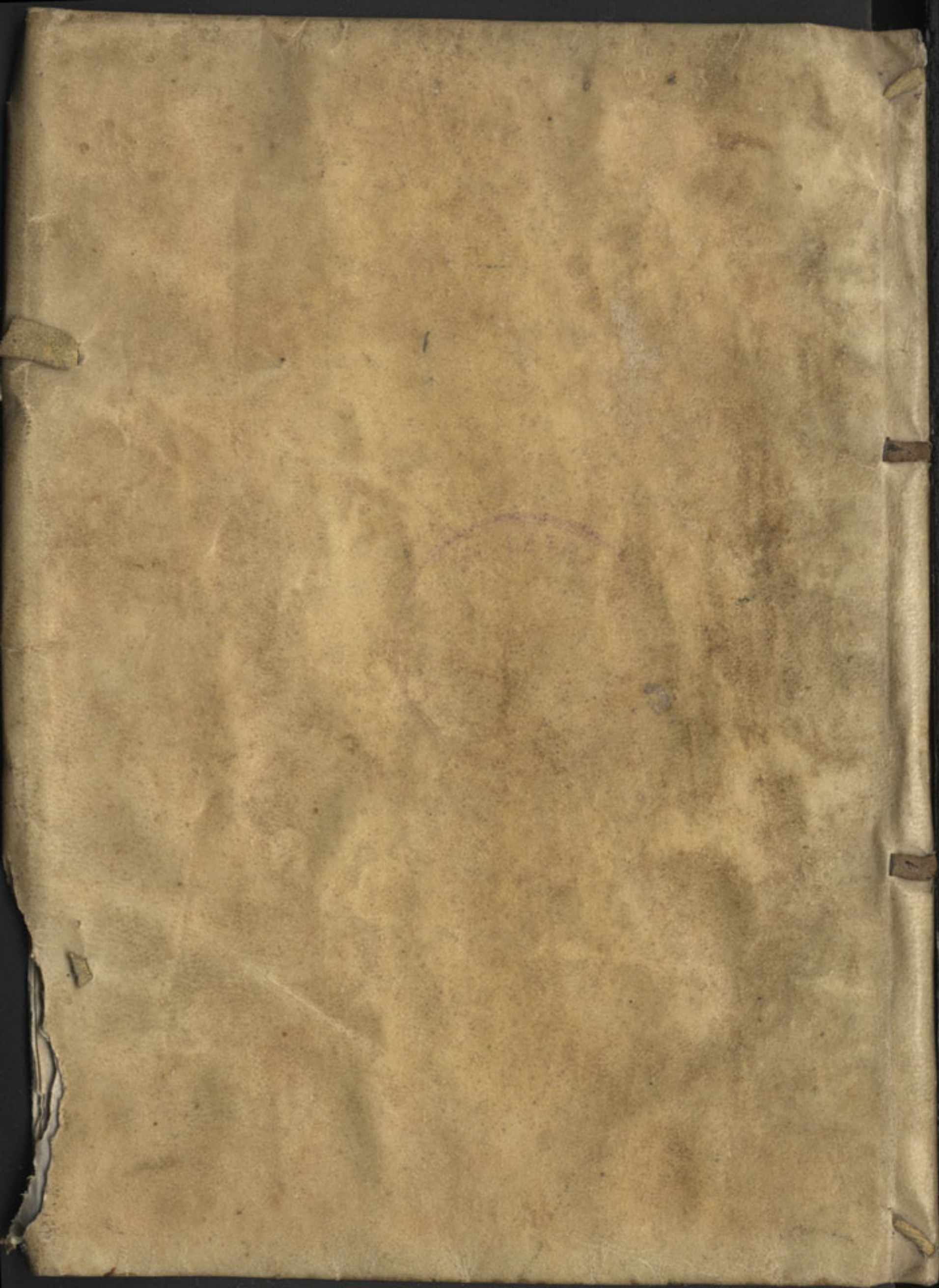
FINIS











1000

QF
D
2

